

Mino Carta O engodo

O Brasil fica entregue ao jogo do faz de conta

Algo causa surpresa, para não dizer coisa pior: o nosso Supremo Tribunal Federal é o único, em um mundo que se presume civilizado, capaz de ir todo dia ao ar para a cobertura televisiva das suas sessões. A surpresa eventual, para não dizer o espanto, deve-se a esta unicidade do nosso Brasil medieval. Mas poderíamos observar também que o espetáculo é proporcionado por atores que não encantam de todos os pontos de vista, sem excluir a própria aparência.

O atual presidente, por exemplo, expõe no vídeo uma cabeleira preta que, usada convenientemente, faria a felicidade de qualquer pele-vermelha. Trata-se de um escalpo deslumbrante, sem risco, imagino, ao ser retirado para exibir a calva do ministro em questão. Mais sincero, e nem por isso menos exibido, o ministro Alexandre de Moraes recusa o escalpo para confessar a vocação à bola de bilhar, sobre a qual esculpe um olhar terrificante, ele parece estar sempre mal-humorado.

A ministra Cármen Lúcia já despertou em mim a lembrança de leituras juvenis, a descreverem a Gorgona que transformava em pedra aqueles que a encarassem. Perseu enfrentou-a munido de um grande escudo reluzente, destinado a refleti-la sem perigo para o portador precavido,

como conta a mitologia da antiga Grécia e Italo Calvino em uma de suas *Lições Americanas*. E liquidou o monstro.

Diga-se que todos os integrantes do Supremo levam-se terrivelmente a sério, a despeito dos crimes cometidos contra a lei e contra o Direito. Alguns dos ministros cuidaram de se portar à altura dos seus cargos, mas são raridades de museu. Em compensação, a maioria primou pela retórica e pelo empolamento. O espetáculo que ofereceram jamais foi de boa

qualidade e quase sempre resultou no desserviço ao Brasil. Como se dá com os Supremos, instância de cúspide na pirâmide da Justiça, o STF haveria de ser a sentinela da Constituição. Verificamos, porém, sem maior esforço, que o Tribunal traiu quase sempre as suas funções e avalizou a série de golpes que caracterizam a última década da nossa história, desde a Lava Jato, a inaudita atuação da República de Curitiba, o *impeachment* de Dilma Rousseff, a condenação e a prisão de Lula, sem a mais pálida sombra de provas.



Ele garante a felicidade de qualquer pele vermelha



Tudo como dantes
neste quartel

Não é arriscado dizer que o STF foi o *deus ex machina* de uma desgraça que acaba por desaguar no governo Bolsonaro. Mesmo assim, os togados aí estão ainda a representar a grotesca normalidade de um país de joelhos. Registra-se de breves tempos para cá uma espécie de arrependimento desse nosso Supremo, mas não pode passar despercebido o infame papel que o Tribunal desempenhou até hoje nesta farsa que finge uma continuidade democrática obviamente impossível. É o costumeiro engodo urdido pela casa-grande, eternamente em detrimento da senzala incapaz de reação.

Já falamos da dificuldade em entender o Brasil por parte de quem está

afeito a padrões contemporâneos. Se chegamos a este ponto de descalabro, de aprofundamento crescente, de desequilíbrio social, em contrapartida somos obrigados a constatar que o golpismo continua alerta. Um editorial de *O Globo* abre os nossos olhos. Ao Supremo pede que mantenha de pé a Lava Jato, para não acabar com esta providencial operação que combateu a corrupção endêmica. Ou seja, a própria origem dos males mais recentes há de ficar para gáudio da nação.

Não há referência às falsas provas plantadas por Moro e Dallagnol para atingir o ex-presidente, o tríplex na praia, o sítio em Atibaia, o terreno do

Instituto Lula. O golpismo do jornal da família Marinho não causa perplexidade: faz parte desta normalidade imposta no país recordista de vidas ceifadas pela pandemia, enquanto metade da população voltou aos tempos da fome, sem falar no desemprego.

Enquanto o Brasil soçobra, os golpistas pretendem que tudo fique como está. Ou por outra, o triunfo da anomalia. O STF de fancaria não tem motivos para permanecer no seu castelo de vidro na Praça dos Três Poderes, como se estivesse a dar continuidade à sua atuação. A prepotência, a hipocrisia, a desfaçatez não se aplacam neste Brasil entregue ao jogo do faz de conta. •

